

PROSA

Dois Dedos de

Nº 41 - Recife PE - Junho de 2004

Agrofloresta em festa

Agricultores que desenvolvem o sistema agroflorestal recebem o Prêmio Vasconcelos Sobrinho, pelo trabalho realizado na preservação do meio ambiente. Jones Severino e a Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde (Adessu) são os ganhadores. O prêmio vem coroar o aniversário dos dez anos da iniciativa de implementar a agrofloresta em Pernambuco.

Leia páginas 2, 4 e 5.



Fotos: Michele Souza



Tem mais:

Agricultores apostam na Agrofloresta _____ Pág.3

Parceria e identidade _____ Pág.7

Acerto na ousadia _____ Pág.8

Modelo Sustentável

O Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá resolveu apostar em um modelo de agricultura que vem revolucionando a tradicional agricultura familiar: o sistema agroflorestal. Nesse sistema, o plantio é feito consorciado com diversas espécies, desde de árvores frutíferas e adubadoras, até lavouras de ciclos longos e curtos e espécies nativas.

Para o Centro Sabiá colocar o modelo em prática, contou com o apoio e determinação do agricultor Jones Severino e da sua família, do sítio São João, em Abreu e Lima/PE.

O início da implantação do sistema agroflorestal, há dez anos, foi difícil. Muitos foram os erros para construir o caminho dos acertos. Hoje, o resultado é terra produtiva, qualidade de vida no campo e geração de renda para as famílias agricultoras familiares.

O sítio São João é uma referência de como pode dá certo trabalhar a agrofloresta. Este ano, Jones recebeu o prêmio Vasconcelos Sobrinho de Personalidade pela sua iniciativa em trabalhar com uma agricultura sustentável e que preserva o meio ambiente.

Este número do Dois Dedos de Prosa é dedicado aos dez anos da agrofloresta. Você vai conhecer um pouco da história de Jones e saber como andam outras experiências desenvolvidas com agricultores familiares. E mais, entidades falam das parcerias realizadas com o Centro Sabiá. Leia ainda, o que diz a equipe do Centro sobre o seu trabalho com a agrofloresta.

Prêmio em dose dupla

Jones e Adessu recebem o prêmio Vasconcelos Sobrinho



Foto: Micheline Souza

Jones Severino e a esposa Lenir (Abreu e Lima), e Roberto Lima (Adessu)

Dois trabalhos desenvolvidos por agricultores familiares foram selecionados para receber o prêmio Vasconcelos Sobrinho, promovido pela Agência Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, de Pernambuco, (CPRH), pelos serviços prestados para preservação do meio ambiente. Jones Severino Pereira, de Abreu e Lima, foi o escolhido na categoria Personalidade e a Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde (Adessu) na de Participação Comunitária. A entrega do prêmio aconteceu no dia 1º de junho, no Mar Hotel, em Boa Viagem, Recife.

Os dois premiados têm em comum trabalhar e difundir os sistemas agroflorestais contando com o apoio e a assessoria do Centro Sabiá. O secretário de Ciências, Tecnologia e Meio Ambiente, Cláudio Marinho, fez questão de observar que o Centro também saiu premiado do evento. "Há um premiado que não está aqui, mas que é importante registrar: o Centro Agroecológico Sabiá que tem a parti-

cipação em dois deles. Pode-se dizer que metade do prêmio é para a insistência dessas organizações que dedicam a ajudar o nosso povo a respeitar a natureza, a viver de forma diferente". Para o presidente da CPRH, Tito Lívio, o Centro Sabiá mostra um caminho de como a política agrícola pode ser uma política voltada para atender a população, evitando a degradação do meio ambiente. "Ele mostra que a questão ambiental tem a ver com a satisfação das necessidades da população".

O agricultor Jones Severino diz que se sente feliz com o reconhecimento do seu trabalho. Mas, observa: "Aumenta ainda mais a responsabilidade da gente com o que tem que fazer para garantir uma qualidade de vida melhor para o futuro". Quem concorda com ele é o presidente da Adessu, Roberto Alves de Lima: "Agora aumenta a nossa responsabilidade, mas é um estímulo para melhorar cada vez mais", completa Roberto Lima.

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. **Endereço:** Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE - CEP: 50.050-080. **Fone/Fax:** (81) 3223 3323/7026. **E-mail:** sabia@centrosabia.org.br. **Diretoria:** presidente - Jones Severino Pereira; vice-presidente - Domingos Sávio; secretária - Sandra Rejane. **Coordenação:** coordenador geral - José Aldo dos Santos; coordenador técnico - Joseilton Evangelista; secretária executiva - Verônica Batista. **Equipe Técnica:** Adeildo Fernandes da Silva, Alexandre Henrique B. Pires, Antônio Carlos Ferreira, Cleize Mota, Fábio José Pereira da Silva, Pieter Vranclx e Vilmar Lermen. **Equipe Administrativa:** Janaina Ferraz, Margareth Carneiro, Pedro Eugênio da Silva, Vânia Luiza Silva e Valdemir Rodrigues. **Redação e edição:** Laudence Oliveira (DRT/PE 2654). **Estagiária:** Ana Lira. **Diagramação:** Marta Braga. **Apoio:** ICCO, Ministério do Meio Ambiente, TDH e Misereor. **Tiragem:** 2.000 exemplares. **Impressão:** Recife Gráfica. * O Dois Dedos de Prosa é impresso em papel reciclado.

Esperança no novo

Agricultores apostam na agrofloresta para recuperar a terra

Terra cansada, improdutivo, esgotada pelo uso indevido. Esta realidade é muito comum na vida de agricultores familiares que procuram saídas para recuperar sua terra e voltar a produzir. Há dez anos, o Centro Agroecológico Sabiá desenvolve, em Pernambuco, o sistema da agrofloresta - modelo que une agricultura e reflorestamento -, que recupera o solo, aumenta a produção e preserva o meio ambiente. A experiência se expande entre os agricultores que encontram neste modelo a alternativa para ter qualidade de vida no campo.

"A vida da gente mudou tudo. A maneira de se comportar, de se alimentar, de viver. Agora, mudou para melhor". O depoimento é da agricultora Teresa Ferreira da Silva, da comunidade de Umari, Bom Jardim-PE. "Antes, o meu marido precisava se deslocar para ganhar alguma coisa fora. Agora, a gente tira o sustento do nosso sítio", completa ela.

Na zona da Mata Sul, o Centro Sabiá acompanha dois municípios, Sirinhaém e Ribeirão. Lá, os agricultores resolveram experimentar esse sistema. "A gente pegou uma pequena área para fazer a experiência, porque a agrofloresta é demorada. Mas, já

estamos pensando em fazer outra", declara senhor Domingos Martiniano, do engenho Conceição, em Sirinhaém. Ele é quem motiva os companheiros para adotarem o novo modelo de trabalhar a terra. Senhor Domingos já sente mudança em sua terra: "Na parte que fizemos agrofloresta, o terreno já tá reforçado e a produção melhorou bastante".

BOM SINAL

No sítio de Paulo Sebastião, conhecido como Paciência, que fica no assentamento Serrinha, Ribeirão/PE, o modelo está dando certo. Árvores grandes e pequenas, pés de banana, caju, abacate, abacaxi, milho, açafrão, tudo junto numa mesma área de terra, onde folhas e galhos forram o chão. "Tudo isso ajuda a recompor o solo, porque serve de insumo", ensina Paulo.

Nessa mesma terra, uma fonte de água volta a dá sinal de vida, depois que foi feito o sistema agroflorestal no local. "Até os animais já estão voltando, porque a natureza tá se recuperando", explica ele. "Não abro mão disso aqui por nada. Minha consciência mudou e desceu para o coração. Faço o trabalho com prazer",

finaliza Paulo Sebastião.

Paciência adotou a agrofloresta desde que tomou conhecimento do modelo. Mas, muitos resistiram e ainda resistem em usar o sistema. "Eu zombava. Não dizia na frente dos técnicos, mas para o pessoal eu dizia: isso presta nada", confessa Cláudio dos Santos, presidente da Associação de Agricultores Agroflorestais do Município de Ribeirão (Aflora). "Depois eu vi a mudança no solo de Paciência e resolvi fazer também e já tô produzindo", afirma.

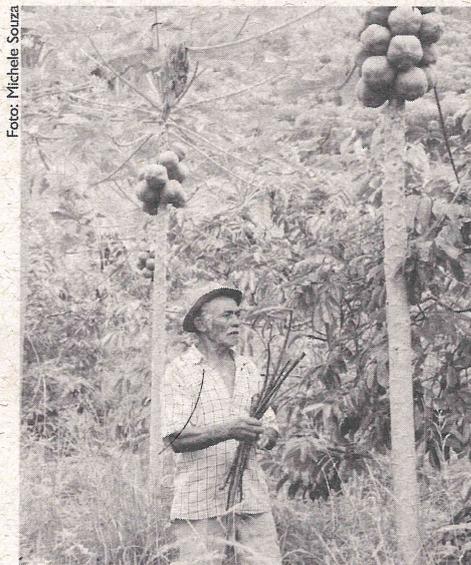


Foto: Michele Souza

Senhor Domingos, Sirinhaém, aposta no sistema agroflorestal

Geração de renda para a família

Agregar valor à produção é um dos objetivos do sistema agroflorestal, mas o primeiro objetivo é garantir o alimento para a família. Para gerar renda um projeto de comercialização foi criado pelos agricultores, o Centro Sabiá e outras organizações parceiras: o Espaço Agroecológico. São feiras livres localizadas no Recife e Serra Talhada onde são vendidos os produtos agroecológicos - *in natura* e beneficiados -, produzidos nas terras dos

agricultores agroflorestais.

A idéia ajuda a melhorar a renda familiar. "Se não fosse o meu trabalho, eu não tinha nada. Hoje a gente faz e vende. Dá para a gente comer e vender", diz a agricultora Lourdes Negromonte, do sítio Santa Cruz, Bom Jardim/PE. O agricultor Rafael Justino do Sítio Feijão, também em Bom Jardim, concorda com ela: "Depois que apareceu esse negócio de comercializar eu fiquei mais anima-

do". Ele costuma trazer 28 espécies de produtos para vender na feira do bairro das Graças, no Recife.

"Eu trabalho mais com hortaliças. Trago laranja, pimentão, maxixe, coentro...", lista Antônio Custódio, do sítio Feijão, Bom Jardim, que antes de encerrar a feira já tinha vendido quase tudo o que trouxe. "É difícil a gente voltar com alguma coisa", acrescenta dona Lourdes terminando de arrumar as vasilhas de goma, bolo e beiju.

Experiência que transforma a

Jones e a família apostaram na agrofloresta para conquistar qualidade

Ele nasceu, cresceu e formou família no sítio São João, em Abreu e Lima/PE. Durante muito tempo Jones Severino Pereira pelejou com a terra para tirar o sustento da família. A cultura tradicional da agricultura saturou o solo. Persistente, Jones não desistiu. Procurou outras alternativas e encontrou na agrofloresta - agricultura consorciada com outros tipos de cultura -, a saída para a sua terra e sua vida. Este ano, completam-se dez anos que Jones aceitou o desafio do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá de implantar no seu sítio o novo modelo. Para coroar o aniversário, ele foi contemplado com o prêmio Vasconcelos Sobrinho de Personalidade, promovido pela Agência Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (CPRH) pelos serviços prestados para preservação do meio ambiente. Conheça um pouco da história, nesta entrevista.

Dois Dedos de Prosa - O que produzia antes de adotar o sistema da agrofloresta?

Jones - Eu digo o seguinte: antes a gente não produzia, a gente plantava e a produção era um nada. Culturas anuais: inhame, macaxeira, um pouco de batata e milho. Mas, chegou a um ponto que, para produzir essas coisas tinha que depender de uma "muleta": esterco de galinha e adubo químico. Na maioria das vezes das duas coisas.

DDP - E quando foi que a agrofloresta entrou na sua vida?

Jones - A gente trabalhava com apicultura e estava dando certo, mas não sabia o que fazer com a agricultura, plantava por plantar, mas não tinha resultado. Em 93, tomamos como meta trabalhar a agricultura. No diagnóstico do sítio, constatou-se o que já se sabia: o solo sem vida. Pensamos então no que fazer. O Sabiá não tinha nenhuma experiência de referência que a gente dissesse vamos fazer assim que dá certo. E muito menos nós. Começamos com algumas mudanças: fazendo composteira, curva de nível, minhocário, mas não alcançava o que a gente queria. Em 94, um dos técnicos do Sabiá participou de uma palestra dada por um suíço, o Ernst. Baseado nessa palestra, ele trouxe a idéia da agrofloresta para a equipe, que decidiu fazer. Dentro do sítio nós tínhamos um bananal completamente improdutivo. Arrancamos o bananal, picotamos, e plantamos outro bananal e mais mamão e abacaxi. Aquilo a gente chamou de agrofloresta. Nesse intervalo, o Ernst passou lá por casa. Ele começou a nos dar umas idéias. Dizia: - isso tá bom, mas deveria ser feito assim... A gente também participou do treinamento que ele deu no Agreste e voltamos com mais idéias. Dois ou três meses depois, percebemos o monte de coisa errada que estávamos fazendo.

DDP - O quê, por exemplo?

Jones - Não respeitando a época de plantio, cultivo de cultura de luxo, poucas plantas adubadoras. A essa altura, já estava chegando o verão. Como corrigir um erro, na agricultura, no verão? Decidimos fazer uma nova área, depois do verão, e corrigir os

erros da primeira. E, foi o que fizemos. Mas, acabamos cometendo outros erros.

DPP - Nesse intervalo, de erros e acertos, você não ficou com dúvidas sobre a viabilidade do modelo?

Jones - Eu tive muita resistência, porque é uma mudança total do modo da gente plantar. Mas, era como se se abrisse um leque, também, de esperança. Porque, a gente percebia que, se tivesse feito de tal forma teria dado certo. Então, o erro era nosso. Nos três primeiros anos da experiência erramos mais do que acertamos.

DPP - E isso tirava a sua esperança de acertar?

Jones - Não, porque o sítio já estava totalmente improdutivo. Não tinha saída. Outra coisa, a gente sentia o envolvimento da instituição (Sabiá), dos técnicos fazendo com a gente, errando junto, aprendendo junto, isso motivava muito. No terceiro ano, a gente fez uma avaliação e um planejamento bem com os pés no chão: com época de fazer a sementeira, de fazer o plantio, a colheita. No final do ano, conseguimos perceber que houve mais avanço em um ano, do que nos três primeiros de experiência.

DPP - O que diziam os outros trabalhadores da comunidade que viam a pejeira de vocês?

Jones - Eles chamavam a gente de agricultor sebooso, de doido, preguiçoso. Eles olhavam o plantio de aba-

Foto: Michele Souza



vida

le vida no campo



caxi e no meio tava plantado capim ou árvores. Eles diziam: - esse cara aqui endoidou. Hoje, a comunidade está passando por uma fase de transição bastante acelerada. Tá se urbanizando. Já tem, inclusive, loteamentos dentro da comunidade. A maioria não vive mais da agricultura, trabalha em firmas. Mas, a nossa experiência tem contribuído muito com outros agricultores que nos visitam para aprender e fazer nos seus sítios. Além de outras organizações que aparecem por lá: universidade, escolas técnicas e ONGs.

DDP - Que mudanças aconteceram na sua vida e na de sua família, depois que você optou em trabalhar com a agrofloresta?

Jones - Várias. Esse modelo de agricultura aproxima mais a gente da natureza. Muda nossa relação homem, família e natureza. Tudo que a gente faz fica se questionando se vai melhorar ou prejudicar a vida. A nossa qualidade de vida hoje é outra, assim como a qualidade da alimentação, a diversificação de produtos que a gente tira da terra, a recuperação do solo. A sabedoria de dona Lenir (a companheira). Ela transforma o que a gente produz lá. Outro avanço, são os nossos filhos. Antes, o projeto de vida deles não tinha nada a ver com a agricultura. Eles pensavam em advocacia, medicina. A gente motivava isso, porque o modelo que a gente trabalhava não ajudava. Eu tinha vergonha de dizer que era agricultor. Hoje eu sinto prazer, alegria. Os nossos dois filhos

Um exemplo de sítio

O sítio de Jones Severino Pereira e sua companheira Lenir Ferreira Gomes fica na comunidade de Inhamã, no município de Abreu e Lima, a 30 quilômetros do Recife. A terra tem aproximadamente três hectares e é motivo de orgulho para a família. Há dez anos, lá foi implantado o sistema de agrofloresta. Jones deixou para trás a prática da agricultura tradicional: o uso da enxada, de adubos e queimadas.

A idéia contou com o apoio do Centro Agroecológico Sabiá, na parte técnica e no incentivo. Entre erros e acertos, construiu-se uma nova história para o sítio São João, como é chamado o pedacinho de terra de Jones e dona Lenir.

A dedicação e o esforço têm recebido o reconhecimento de muita gente. O mais recente veio da esfera governamental.

A experiência de Jones recebeu o prêmio Vasconcelos Sobrinho de Personalidade, pelos serviços prestados para a preservação do meio ambiente, promovido pela CPRH/PE.

Hoje, o sítio de Jones é referência para outros agricultores familiares, assim como para universidades, escolas técnicas e diversas organizações. A terra foi recuperada, voltou a ser viçosa e produtiva. "Eu não faço mais idéia da quantidade de espécies que a gente tem. Até as que não são da região, como a pupunha e açaí a gente tem", diz Jones orgulhoso. Ele também comercializa sua produção na feira agroecológica que funciona todo sábado no bairro das Graças, Recife. Para lá, são levados os produtos *in natura* e os processados por dona Lenir que faz compotas, geléias, licores, polpas, entre outros.

são técnicos agrícolas. Isso é resultado de um olhar diferente para a agricultura e do avanço que conseguimos com o novo sistema.

DDP - Para chegar a essas mudanças vocês contaram com um parceiro, o Centro Sabiá. O que representa a entidade para você?

Jones - A nossa relação com o Sabiá não é uma relação de uma instituição com o agricultor. É uma relação de família. A gente aprende junto, dialoga junto, discute junto, troca idéias, faz junto. É realmente uma equipe preocupada com o agricultor.

DDP - O seu trabalho recebe o reconhecimento de setores importantes da sociedade como universidades, ONGs, companheiros de lida e até do governo. Agora mesmo a CPRH selecionou

seu projeto para receber o prêmio Vasconcelos Sobrinho de Personalidade pelos serviços prestados na área de preservação do meio ambiente. O que isso significa para você?

Jones - É muito gratificante saber que a gente tá contribuindo com a natureza, com o futuro da agricultura, servindo de modelo para outros agricultores. Deixa-me feliz e aumenta mais a responsabilidade que a gente tem para com a vida e do que ainda temos que fazer para garantir uma qualidade de vida melhor para o futuro. Esse prêmio aumenta essa responsabilidade. Mas, isso é motivo de muita alegria, muita satisfação. E, não é uma conquista apenas minha, é uma conquista da família, dos meus filhos e do Centro Sabiá que acreditou na minha pessoa como agricultor.

Organizações admiram Centro Sabiá

Entidades de trabalhadores e assessoria elogiam atuação da Instituição

Desde sua formação que o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá recebe o apoio de organizações de trabalhadores e assessoria veteranas. Entidades como a Confederação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (Fetape) e a Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educação (Fase), elogiam o trabalho do Centro Sabiá e afirmam gostar de fazer parcerias com ele.

De acordo com Adelson Freitas, diretor de Políticas Agrícolas da Fetape, a parceria com o Centro Sabiá tem origem no movimento sindical. "A nossa relação com o Centro Sabiá vem de longa data. Admiramos o trabalho da entidade, porque a sua preocupação com os trabalhadores é mais ampla, não é apenas na questão da agrofloresta. O Centro Sabiá contribui na formulação de políticas voltadas para o campo. Este, é um ponto de identificação entre a Fetape e o Centro Sabiá", afirma Adelson.

Adelson Freitas também faz parte do Conselho de Segurança Alimentar de Pernambuco, ele afirma que um diagnóstico realizado pelo Conselho mostra a necessidade de resgatar o meio ambiente, a produção agrícola. "Constatou-se que saída para a nos-



Foto: Michele Souza

Família do senhor Domingos (Sirinhaém) já beneficia a produção. Entre outras coisas, faz polpa das frutas

sa agricultura é a agroecologia. Neste aspecto, o Sabiá já contribui com o seu trabalho valorizando toda a cadeia produtiva que vai desde a preparação da terra até a comercialização", explica Adelson. O beneficiamento da produção e a sua comercialização contribuem no aumento da renda dos agricultores familiares.

A Fase, que desenvolve trabalho com o sistema de agrofloresta em Palmares, Zona da Mata pernambucana, afirma que se espelhou na experiência do Centro Sabiá para co-

locar em prática as ações com os agricultores e agricultoras do município. "A metodologia e a formação técnica buscamos com o Sabiá, porque ele tem um acúmulo de experiência e é uma referência para nós", declara Marli Godin, Fase/Regional Palmares. Para ela, o trabalho das duas organizações se identificam na opção em apostar em um modelo de agricultura sustentável onde se busca a segurança alimentar e o aumento da renda familiar, sem agredir o meio ambiente.

Mulheres apóiam agrofloresta

De acordo com Maria Auxiliadora Cabral, do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR/NE), a identidade com o trabalho no campo é um dos pontos que une Centro Sabiá e o MMTR/NE. "Uma outra coisa, é que o Sabiá traz a preocupação de incluir as mulheres no trabalho e no mundo social. Ele contribui para a construção de relações de igualdade de gênero", expli-

ca Auxiliadora. Ela diz também, que as mulheres rurais se identificam muito no trabalho com o sistema de agrofloresta. "Elas se identificam muito com esse novo jeito de trabalhar".

Em Palmares, o trabalho com o sistema de agrofloresta também envolve a questão de gênero. De acordo com Marli Godin, Fase/Palmares, é importante que as agricultoras não só tra-

balhem na perspectiva de potencializar a renda familiar, mas também de discutir as relações de gênero. "Desde 2002 que existe um projeto de prevenção de DST/Aids (Doenças sexualmente transmissíveis/Aids), que atende cerca de 130 famílias. O trabalho é feito junto com o SOS Corpo, e percebemos que já existe mudança nos hábitos do pessoal da comunidade" informa Marli.

Identidade nas parcerias

Entidades ressaltam que identidade é elo de união com o Sabiá

O trabalho com a agrofloresta abre um leque de parcerias importantes para o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Nesses dez anos de implantação do sistema, o trabalho conjunto com outras entidades vai desde o acompanhamento técnico até a participação em fóruns de discussões de políticas públicas para o meio rural. Nesse processo, as parceiras ressaltam a questão da identidade como o elo de união no trabalho com o Sabiá.

Para Alessandro Nunes, da Cáritas Brasileira/Regional Ceará, a crença na construção de uma sociedade nova é uma das coisas que une Cári-

tas e Sabiá. "Outra coisa, é acreditar num modelo de agricultura que faz com que homem e mulher do campo vivam bem e com qualidade", afirma Alessandro. No Ceará, a Cáritas acompanha comunidades de agricultores familiares ligados as dioceses de Itapipoca, Limoeiro e Tianguá que procuram desenvolver o sistema da agrofloresta nas suas áreas. O Centro Sabiá assessorou a Cáritas no início do trabalho. "Nossa expectativa é que o Sabiá volte a área para propor melhorias a partir do que já existe. O intercâmbio também é importante para aprimorar saberes", finaliza.

De acordo com Marcelino Lima, coordenador do Programa de Apoio à Agricultura Familiar, da Diaconia, que também desenvolve trabalho no meio rural, a afinidade com o Sabiá está em trabalhar a agroecologia como princípio, tendo a família como centro. "É importante que as famílias entendam a forma como estão trabalhando e que estão produzindo ecologicamente", explica. Para Marcelino, há uma identidade mais ampla: a promoção da cidadania. "A Diaconia busca promover vida digna junto aos agricultores familiares. O Sabiá também tem essa postura", completa.

Trabalho do Sabiá é referência

A relação do Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não Governamentais Alternativas (Caatinga) com o Sabiá é antiga, vem desde a década de 80. Na época, o Centro Agroecológico ainda não existia, era o Projeto de Tecnologias Alternativas (PTA), do Centro Josué de Castro. "A gente sempre manteve uma relação no campo de intercâmbios de experiências. Hoje, isso é mais forte. Juntos, na ASA (Articulação no Semi-Árido Brasileiro), debatemos questões únicas no campo da agroecologia", explica o coordenador geral do Caatinga, Reginaldo Alves.

Reginaldo afirma que ter o Sabiá como parceiro é motivo de orgulho. "Pelo acúmulo de experiência que a entidade tem, pelo profissionalismo da sua equipe e pelo trabalho que desenvolve junto aos agricultores familiares", explica. "O trabalho do Sabiá é um referencial, porque mostra que a

Foto: Arquivo Centro Sabiá



Congresso Nacional da Asa é um dos espaços de articulação das entidades

agricultura familiar pode garantir segurança alimentar e dignidade no campo, sem agredir o meio ambiente".

O Caatinga atua em redes e fóruns regionais e nacional. Há 18 anos atua no campo das políticas

públicas. O conjunto de suas ações está voltado para a agricultura familiar. O projeto Um Milhão de Cisternas faz parte das suas ações. A idéia é transformar a cisterna num elemento de mobilização social no semi-árido.

Decisão acertada

Centro Sabiá inova quando decide apostar no sistema agroflorestal

Ao se tornar instituição, em 1993, o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, não imaginava que em pouco tempo se tornaria uma referência na área da agroecologia, em Pernambuco. Um fator muito importante contribuiu para que esse referencial fosse construído: a ousadia. A equipe do Centro Sabiá ousou quando decidiu

trabalhar com o sistema de agrofloresta. Um modelo novo que não havia no estado e que não se sabia da sua viabilidade. A decisão, na época, foi difícil, mas acertada, já que hoje a entidade tem experiências acumuladas, e muito trabalho pela frente.

O foco do trabalho são os agricultores e agricultoras familiares. “Trabalhávamos na lógica de identificar, registrar e divulgar as práticas de tecnologia alternativa entre os agricultores. Mas, avaliávamos que essa lógica não mudava a realidade de quem tomava conhecimento dessas práticas”, explica o coordenador Geral do Centro Sabiá, José Aldo dos Santos. Para ele, a luz acendeu em um seminário, em 1994, quando tomaram conhecimento do modelo da agrofloresta, aplicado por um suíço, Ernst, em suas terras, na Bahia. Aldo diz que decidir pela agrofloresta não foi

fácil, na equipe o debate foi caloroso. “Porque com essa decisão, estávamos mudando radicalmente a dimensão do nosso trabalho”.

Agricultores

A dúvida em encarar o novo modelo de trabalhar agricultura não foi apenas da equipe do Centro

floresta”, lembra o coordenador Técnico do Centro Sabiá, Joseilton Evangelista. Para Joseilton, a insistência de Jones em querer encontrar solução para recuperar sua terra e voltar a produzir, estimulou a tomada de decisão. “Ele provocava muito, questionava se não havia iniciativas para trabalhar a agricultura de outra forma”.

Ao conhecer o trabalho do Ernst, a equipe percebeu que estava a saída, porque o modelo de agricultura era viável, sustentável e dava garantia alimentar. “No início erramos muito, até porque a própria realidade onde Ernst desenvolve a sua experiência é outra. Mas não desanimamos porque achávamos que o caminho estava certo, só precisávamos experimentar mais”, diz Joseilton. Hoje, o Sítio de Jones é uma

Fotos: Arquivo Centro Sabiá

referência no modelo da agrofloresta “a gente tem certeza que as algumas experiências, como a de Jones, tem potencial para evoluir bastante”, informa Joseilton. Ele acredita que a troca de experiências, o acompanhamento técnico, e a discussão de elementos novos para o sistema agroflorestal são fundamentais para o sucesso desse tipo de agricultura.

